

MODA, PSICANÁLISE E CINEMA: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

Fashion, Psychoanalysis and Cinema: an interdisciplinary approach

Santos, Ertz Clarck Melindre dos¹. Me.
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
clarckmelindre@gmail.com

Resumo

Este artigo traz reflexões sobre possibilidades conceituais para o vocábulo moda. Busca-se estabelecer diálogos entre a psicanálise e o cinema, a partir de cenas dos filmes “Ensina-me a viver” (1971) e “A delicadeza do amor” (2011). A análise é subsidiada pela interdisciplinaridade aplicada às ciências humanas.

Palavras-chave: moda; psicanálise; cinema; interdisciplinaridade; ciências humanas.

Abstract

The paper brings reflections on the conceptual possibilities for the word ‘fashion’. It tries to establish dialogs between psychoanalysis and cinema, by using scenes from the movies “Harold and Maude” (1971) and “Delicacy” (2011). The analysis is subsidized by interdisciplinarity applied to human sciences.

Keywords: fashion; psychoanalysis; cinema; interdisciplinarity; human sciences.

Introdução

No estudo a seguir, buscou-se focalizar como a moda dialoga com outras áreas do conhecimento. Para tanto, partiu-se da seguinte indagação: seria uma “vantagem”, para a área de moda, não possuir uma definição fechada sobre si?

¹ Técnico em Assuntos Educacionais do Departamento de Antropologia e Museologia (UFPE). Graduando de Tecnologia em Design de Moda (Faculdade SENAC/PE). Licenciado Pleno em Letras/Português (UNIFAP). Psicólogo (UFMS/Campus do Pantanal). Especialista em Literatura Brasileira (PUC/MG). Mestre em Psicologia Clínica (UNICAP).

Visando abordar esta questão, adotou-se inicialmente a posição de que 'A moda está muito mais relacionada a um conjunto de fatores, a um sistema de funcionamento social, do que especificamente às roupas, que são apenas a ponta desse *iceberg*' (POLLINI, 2007, p.17). A autora traz uma reflexão importante no que concerne ao vir a ser moda, ou melhor, os sistemas de construção desse termo em constante transformação. Nesse hibridismo, continuamente constroem-se entendimentos sobre a relação dela com outras formas de pensar o processo de existir, no decorrer da história.

Assim, compreende-se que a moda ultrapassa a visão de apenas indicar costumes e tendências que se repaginam periodicamente, no intuito de trazer à tona mudanças entre classes sociais. Ela é um sistema, ou seja, uma das constituições do corpo social vigente (SANT'ANNA, 2014, p. 86). A pesquisadora esclarece a importância de se estudar mais profundamente o conjunto de compreensões do que entende-se genericamente como moda, uma vez que, por ser de natureza plástica, essa área está muito mais ligada aos aspectos interdisciplinares, ou seja, à construção de um olhar múltiplo gerado a partir de encontros com outras visões de conhecimento. Essa característica gera um conjunto diferenciado de possibilidades: lembra, por exemplo, um vestir ligado à sustentabilidade, pois este é realizado a partir de diversas reflexões sobre o processo consciente da confecção de determinada peça indumentária a ser utilizada. Para Piva (2011), essa ótica também pode ser representada por palavras poéticas como:

Tem roupa que serve uns dias,
depois encolhe.
Outras são enormes
(em geral dadas por tias)
e demoram pra ficar
do nosso molde.

Mas mesmo mudando tanto
de roupa
e, na roupa,
mudando de cor, tamanho e tecido,
o que ninguém muda
(não assim, de repente)
é o estilo.

Estilo é o jeitão da pessoa.
Como ela é. Sua alma. Preste
atenção: o modo como ela fala,
como anda, se ela é boa
ou se é uma peste,
se é tímida, tagarela,
as coisas de que ela gosta,
os livros que ela lê,
as músicas que ela ouve –
e, claro, as roupas que ela veste.

(Parte integrante de *As roupas*.
Trecho extraído de **Poemas para vestir**, 2011, p. 09)

O autor, no poema anteriormente mencionado, de uma maneira leve e artística, evidencia o quanto a moda pode ser multifacetada. Mais interessante ainda é quando ele apresenta o que pode ser o estilo, como “(...) o que ninguém muda, (não assim, de repente)...” Pode-se entender que estilo, um vocábulo tão semiótico, é uma perspectiva construída ao longo da existência, principalmente por meio da interação social e que, dependendo do momento histórico, sofre mais ou menos metamorfoses, a indumentária é uma delas.

Nessa perspectiva, o interesse principal do estudo em tela é o de fomentar ideias sobre como é possível compreender os sistemas de moda, quando estes dialogam com a interdisciplinaridade, especificamente a que se articula com as ciências humanas.

Para tanto, considera-se importante trazer um conjunto de compreensões dos campos da psicanálise e cinema, ambos subsidiados pela interdisciplinaridade aplicada às humanidades. Essas serão as trajetórias que darão o suporte inicial para a entrada no terreno híbrido por onde será empreendido o caminhar deste trabalho. Paradoxalmente acredita-se que é necessário trazer de início o racional, ou seja, a visão estrutural, para que o sensível seja mais substancial, embora na aplicação prática do conhecimento, creia-se que os dois sejam saberes indissociáveis.

Psicanálise, uma caminhada verossímil

Partindo do pressuposto de que o entendimento sobre verdade é amplo e ligado a diversas possibilidades interpretativas, especialmente no campo das ciências humanas, optou-se inicialmente pelo saber psicanalítico, quando este sustenta que o pensamento freudiano trouxe uma importante compreensão sobre a distinção entre o vivido fisicamente e a realidade psíquica: a história do sujeito não se resume ao seu passado, mas sim, metaforicamente, aos lixos e pegadas que marcaram esse caminhar (FONTENELE, 2002, p. 33).

Acredita-se numa psicanálise que proporcione ao homem um olhar transformador, ou seja, a experiência subjetiva não somente de descobrir sinuosidades ou criar percursos mais transitáveis, mas principalmente a de se deixar o sujeito sem rota, para que este construa o próprio caminho ao longo de sua existência mutante. Fontenele (2002), utilizando os exemplos do lixo e pegadas, traz esse possível novo que surge a partir de um modelo tradicional de interpretação: o existir se construindo a partir de paradoxos.

Por compreender o sujeito a partir de estruturas, a psicanálise colabora para a constante descoberta de que essas trajetórias não necessariamente precisam de linearidade, embora utilize um manancial de intervenções a partir desses preceitos, isto é, seguindo a hipótese inicial de que o sujeito pertence a uma das estruturas clínicas clássicas: predominantemente neurótica ou psicótica ou perversa.

A partir do contato com esta visão psicanalítica, pode-se compreender o quão flexíveis são as construções de vida, sendo elas marcadas por experiências mais ou menos traumáticas. Essa tríade composta de estrutura/desestrutura/reestrutura dos conteúdos, trazida pelo analisante, faz com que ele se perceba construtor de uma realidade, não simplesmente a partir de um passado estático (noção tradicional do que vem a ser o estilo), mas sim de constantes reelaborações de um tempo que didaticamente será nomeado de presente. Essas metamorfoses contínuas fluem como as estações do ano e suas coleções de moda, que trazem sazonalmente possíveis novas

versões de uma época: uma visão construída a partir da união de saberes diversos.

Logo, essa psicanálise (in)disciplinada que surge geralmente do aprendizado disciplinar, norteador e sistemático, colabora como uma das ilustrações dessa viagem andarilha rumo ao “estar perdido”, um contexto tão inerente ao contemporâneo. Destaca-se que ela é um passo inicial importante para que se crie um diálogo com a perspectiva interdisciplinar ligada às ciências humanas.

Interdisciplinaridade inventando moda

Em se tratando da visão interdisciplinar em ciências humanas, Leis (2011) traz uma contribuição significativa, quando destaca que:

(...) os cursos interdisciplinares devem ser interpretados mais como impulsores do trabalho interdisciplinar em novas direções que como efeitos de movimentos preexistentes. Em um claro contraste, os programas interdisciplinares são radicalmente diferentes dos disciplinares, que buscam inspiração na experiência que já existe. Enquanto os programas disciplinares são fenômenos derivados da realidade existente, os interdisciplinares produzem a realidade que os contextualiza; em outras palavras, eles se autoproduzem como programas interdisciplinares. (LEIS, 2011, p. 115)

Quando escolhe-se esse saber para dar um direcionamento metodológico a este trabalho, é necessário lembrar que ele é um olhar múltiplo, no entanto, com um terreno sutilmente delimitado. “A interdisciplinaridade pode ser definida como um ponto de cruzamento entre atividades disciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares, com lógicas e histórias diferentes” (LEIS, 2011, p. 118).

Em resumo, optou-se por essa perspectiva, por ela corresponder de forma significativa para a construção de um olhar mais abrangente, ao contrário da tríade disciplinar/multidisciplinar/transdisciplinar.

Destaca-se, em consonância com Leis (2011), que a visão de conhecimento disciplinar é uma espécie de terreno sólido, geralmente

compartimentado, onde o fenômeno é interpretado. A ótica multidisciplinar elabora um conhecimento por meio de uma ação de superposição das disciplinas (interpretações científicas de uma determinada área). Já a transdisciplinaridade busca uma síntese teórica consistente para a compreensão do processo de construção de um determinado conceito. A interdisciplinaridade é mais arriscada, e isso por uma de suas principais características: ela é fronteira.

Escreveu-se sobre psicanálise, compreensões interdisciplinares da construção de saberes, mas e a moda?

Bortolanza (2011) evidencia de forma “promíscua” esse olhar interdisciplinar, quando traz a prostituição, através da marca Daspu, ao universo da moda disciplinar, ou seja, àquela ligada excessivamente ao consumo efêmero sem reflexão. Para tal, a pesquisadora transpõe a visão linear, quando destaca que:

A moda das putas não está na roupa, mas na excitação de algo que está entorpecido na sexualidade, no desejo, e que se expressa através de cenas “eróticas” que nos dominam e nos imobilizam. Erotismo da moda. Revelação do aspecto interior da moda. Antimoda, antimodelo. Moda e modos de vida. Moda plural. Intersecções da moda com outros campos e vetores. Deformação do movimento rígido e disciplinado das *top-model*. Multiplicidade de estéticas femininas. Formosura desmedida. Noite do corpo. Potência estética do prazer, gozo sensorial, desestabilização dos órgãos de sentido, incômoda moda. (BORTOLANZA, 2011, p. 159-160)

É fundamental evidenciar que essa é uma visão inovadora dentro do esperado hegemonicamente, ou seja, uma possibilidade diferenciada de moda, desafiadora e subversivamente consciente, uma colaboração singular para um novo conjunto de compreensões sobre ela.

Cinema fora dos enquadramentos esperados

Para tornar essa trilha também visual, optou-se pela utilização ilustrativa de duas cenas extraídas, respectivamente, dos filmes “Ensina-me a viver”

(1971) e “A delicadeza do amor” (2011), dando-se destaque ao recorte dos casais protagonistas Maude e Harold / Nathalie e Markus. Sendo assim, o estudo tomou como campo de análise a interdisciplinaridade que dialoga com as humanidades, e caracteriza-se como qualitativo. Pretende-se trazer à tona reflexões conectadas aos aspectos diferenciais trazidos pelos conteúdos imagéticos. E o que essas duas cenas trazem de diferente?

Figura 1: Maude e Harold (<http://supernovo.net/oscinefilos/ensina-me-a-viver-1971-critica-retro/>), 2014.



Maude e Harold

No caso da figura 1 temos o casal interpretado por Ruth Gordon e Bud Cort. Ambos são Maude e Harold: personagens principais da película americana “Ensina-me a viver” (1971). É válido informar que a cena desse beijo não é veiculada no filme, mas sim apenas em um dos “trailers” dele, acredita-se que por conta da censura da época.

A trama é ambientada no início dos Anos 70, momento posterior ao Festival de Woodstock, ocorrido na segunda metade de 1969. Havia uma liberação sexual explodindo aos poucos, e de alguma maneira a obra cinematográfica traz essa nova visão de mundo através de um casal atípico, ou seja, um homem de aproximadamente 18 anos e uma mulher de 79. Enquanto a mãe de Harold tenta enquadrá-lo no cenário linear de um casamento arranjado, para a manutenção dos bens materiais da família, este se encanta pelo espírito jovial de Maude: uma mulher que curiosamente ele conhece em funerais.

O casal dialoga de maneira interdisciplinar com a morte, pois enquanto para ele, o fim é uma possibilidade, no caso de Maude, é por assim dizer um percurso natural, como uma espécie de rota tácita rumo à linha de chegada, após tantas batalhas. Desse encontro inesperado surge um afeto mais do que vivo, que dá um novo sentido à existência de Harold.

O beijo, estranho para muitos, e inclusive asqueroso para várias instituições tradicionais mostradas no enredo, é nada mais do que uma manifestação do humano que foge completamente ao padrão, ao esperado pela maioria, ao disciplinar. Os dois representam um momento, uma moda, uma reflexão diferenciada, assim como a trazida por Bortolanza (2011, p. 157), em que transforma a passarela num espaço político de desestruturação do estabelecido. Não é à toa que “Harold and Maude” foi um fracasso de bilheteria na época de sua estreia, e após pouco mais de quatro décadas, situa-se na categoria de filme “Cult”: mutações.

Figura 2: Nathalie e Markus (<http://peliculacriativa.blogspot.com.br/2012/07/critica-delicadeza-do-amor-la.html>), 2012.



Nathalie e Markus

A película, ambientada numa França contemporânea, traz como protagonista Nathalie (Audrey Tautou), pessoa que possui uma vida estabilizada: feliz no casamento com François (Pio Marmai), e também no âmbito profissional, na empresa onde atua como economista. Todo esse

padrão de vida desmorona quando François falece, vítima de um atropelamento. Nathalie se fecha para o mundo, dedicando-se exclusivamente à vida profissional.

Após três anos, inesperadamente, ela se envolverá com Markus (François Damiens), um dos colegas de trabalho. A partir desse momento ambos mergulharão em uma série de experiências emocionais singulares, onde Nathalie será, paulatinamente, convidada a (re)viver. A cena escolhida (figura 2) pode ser interpretada simbolicamente como uma transposição do luto que a protagonista enfrentava: o beijo é como um grito para retornar à vida. Talvez por isso seja tão inusitado e voraz. É como a moda que tenta se firmar diante dos desafios (inter)disciplinares.

Atualmente não há mais tanto tempo para se “viver o luto”. A película é um caso à parte. Genericamente essa dor se instala quando do surgimento de uma perda concreta ou simbólica, mas a saída de um luto não é tão fácil de ser identificada. Nesse aspecto a obra fílmica é sugestiva pois, como a psicanálise, traz um processo único de superação desse tipo de sofrimento psíquico, ou seja, no caso de Nathalie, o recomeço com Markus pode significar uma possível superação do enlutamento em que estava mergulhada. É significativo destacar que a protagonista se permite parar, refletir, para somente depois trilhar uma outra história sentimental.

Uma observação interessante é a de que o casal Nathalie/Markus destoa de todo o convencional presente no filme: no meio profissional o protagonista é tido como um “outsider”, por não se enquadrar aos padrões normatizados pela organização comum à maioria dos ambientes de trabalho, no caso dele, um espaço ligado aos cálculos.

O mais paradoxal é que eles são tão distantes um do outro que acabam se aproximando: Nathalie e Markus lembram também a relação interdisciplinar que se cria a partir da união de saberes diferenciados. Metaforicamente o casal assemelha-se a uma representação do afeto entre duas pessoas que gera um amadurecimento emocional feliz. Essa é uma reflexão trazida para moda quando esta dialoga com outras áreas e, desses possíveis encontros, geram-se novas perspectivas acadêmicas e profissionais.

Considerações finais

A gama de possibilidades conceituais para o termo moda é variada, por isso acredita-se que diante da amplitude de atuações na área, ela seja um terreno propício para o desenvolvimento de ações interdisciplinares.

Na elaboração deste estudo foi proposta uma série de reflexões sobre o quanto a moda pode dialogar com outros campos do saber, aqui o psicanalítico aliado ao cinematográfico.

Em se tratando da contribuição psicanalítica, procurou-se evidenciar o quanto as ações desse conhecimento sobre o humano podem transformar contextos singulares em universos mais pluralizados. Isso ocorre quando se potencializam no indivíduo condições de transformações diversas. Essa é uma situação metafórica presente especialmente no caso da personagem Nathalie, protagonista de “A delicadeza do amor” (2011) que, após um período de luto, se abre suavemente para um recomeço.

No caso do cinema, os dois casais são anti-convencionais. Desestruturam a ordem. Não se encaixam aos paradigmas esperados. Quebram com o programado pela hegemonia. Os beijos simbolizam o insólito, o rompimento com a engrenagem padronizada dos encontros, pois eles ultrapassam o disciplinar.

Maude, Harold, Nathalie e Markus são também representações da moda, que por vezes surge como absurda, através de seus desfiles conceituais: fragmentos de desconexões com o fixo, o competitivo, o quantitativo, o previsível. A moda, tão rejeitada e associada à futilidade, se reescreve a cada dia como uma bela possibilidade de construção da existência.

A visão inter é profícua à moda quando articula a criação não de um conceito, mas sim de possibilidades conceituais que se constroem, por exemplo, a partir do diálogo entre o estabelecido e o inusitado, entre o comercial e o conceitual: surgem interseções. Quando elas brotam da união dessas realidades, são criados trajetos contemporâneos na área.

Moda é muito para além do visual, ela dialoga com o sentir, com os processos de subjetivação, e desfila criativamente, mesmo diante de olhares e compreensões equivocados.

Conclui-se que os sistemas de moda, ou seja, o conjunto de saberes formais em que ela se apoia para dar sustentação ao próprio corpo, são formas de se compreender o quão valiosa é essa nova cena que se cria, recria e amplia, com a participação do contexto interdisciplinar. Toda essa pluralidade dá às possíveis faces da moda, um existir aliado ao momento histórico em que surge, e que se transforma de acordo com todo o cenário social em que está imerso. Simbolicamente, o melhor da moda não é somente o acabamento, mas o fato de ser também delicadamente inacabada.

Referências

- BORTOLANZA, E. Daspu – Zonas de passagem. In: PRECIOSA, R.; MESQUITA, C. (Org.). *Moda em ziguezague: interfaces e expansões*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. p. 151-162.
- FONTENELE, L. A interpretação. Coleção Psicanálise passo-a-passo, volume 12. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- LEIS, H. R. Especificidades e desafios da interdisciplinaridade nas ciências humanas. In: PHILIPPI Jr., A.; SILVA NETO, A. J. (editores). *Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia e Inovação*. Barueri, São Paulo: Manole, 2011. p. 106-122.
- PIVA, L. G. As roupas. In: SANTOS, J; PIVA, L. G. *Poemas para vestir*. Ilust. Eloar Guazzelli. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.
- POLLINI, D. Breve história da moda. Coleção Saber de tudo. São Paulo: Claridade, 2007.
- SANT'ANNA, M. R. Teoria de moda: sociedade, imagem e consumo. 2ª ed. Rev. e atualizada. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

Sites pesquisados

PELÍCULA CRIATIVA. Crítica – A delicadeza do amor (La délicatesse – 2011). 2012. Disponível em: <<http://peliculacriativa.blogspot.com.br/2012/07/critica-delicadeza-do-amor-la.html>>, Acesso em 21 abr. 2014.

SUPERNOVO.NET. Ensina-me a viver (1971) – Crítica retrô. 2014. Disponível em: <<http://supernovo.net/oscinefilos/ensina-me-a-viver-1971-critica-retro/>>, Acesso em 24 abr. 2014.

Videografia

A delicadeza do amor (2011). David Foenkinos, Stéphane Foenkinos (dir.). França: 2.4.7. Films, StudioCanal, France 2 Cinéma. Francês (FRA). 1 filme (109 min.), son., col. DVD. [Título original: *La délicatesse*]. California Filmes (dist.). Leg. português.

Ensina-me a viver (1971). Hal Ashby (dir.). Estados Unidos: Colin Higgins, Charles B. Mulvehill. Inglês (EUA). 1 filme (91 min.), son., col. DVD. [Título original: *Harold and Maude*]. Paramount Filmes (dist.). Leg. português.